Palavras-chave: Vírus Manifestação Clínica Dor

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103458

INCIDÊNCIA DE MENINGITE VIRAL NO ESTADO DA BAHIA NOS ÚLTIMOS 10 ANOS: ANÁLISE EPIDEMIOLÓGICA E TENDÊNCIAS TEMPORAIS

Rodolfo Baptista Giffoni*, Ricardo Santos Aguiar, Matheus Gomes Reis Costa, Cristóvão Alves Pedreira Filho, Michelle Evans Lima Ramos, Fernando Mendes Nogueira Souza, Larissa de Oliveira Silva, Dênio Santos Barros

Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, BA, Brasil

A meningite viral (MV) é uma doença infecciosa que afeta as membranas que envolvem o cérebro e a medula espinhal1. No Brasil, a incidência desse tipo de meningite é significativa, incluindo o estado da Bahia2. Diversos vírus, como Herpes simplex e Varicela-zóster podem causar MV3. Um diagnóstico preciso é essencial para orientar o tratamento adequado e evitar o uso desnecessário de antibióticos sendo o conhecimento das tendências epidemiológicas fundamental para tal4. Realizamos uma análise retrospectiva dos casos de MV notificados no estado da Bahia entre os anos de 2013 e 2022. Os dados foram obtidos a partir do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) e incluíram informações demográficas, faixa etária, sexo e número de casos por ano. Por fim, levando em consideração o número de casos registrados e a população do Estado da Bahia em cada ano, foi calculada a incidência acumulativa e uma curva de tendência por ano avaliado por meio do programa Excel. Foram avaliados dados epidemiológicos de um total de 1.361 casos de MV. A principal faixa etária afetada foi de 10 a 14 anos, com um total de 198 internamentos. A análise por sexo mostrou uma incidência de 743 casos no sexo masculino e 618 casos no sexo feminino. Ao analisar as tendências temporais, entre os anos de 2013 e 2022 uma redução de -69,58% na incidência cumulativa. No ano de 2021, houve um desvio considerável em relação aos valores preditos pela curva de tendência, registrando-se apenas 23 casos, enquanto a previsão apontava aproximadamente 80 casos. Em 2022 houve um aumento de 380% em relação ao número de casos registrados no ano anterior. Redução significativa da incidência cumulativa de meningite viral (MV) na Bahia (-69,58%) durante o período analisado. Queda considerável em 2021, com redução de 71% em relação à taxa esperada. Medidas de prevenção da Covid-19 podem ter contribuído para o controle da MV, reduzindo novos casos devido à transmissão favorecida pelo contato social. Aumento da incidência em 2022 (380%) sugere o fim das medidas de isolamento social, indicando um possível retorno às tendências pré-pandêmicas. Os dados revelam uma redução significativa na incidência de meningite viral na Bahia ao longo dos anos e, recentemente amplificadas, possivelmente, devido às medidas de prevenção adotadas durante a pandemia de Covid-19

Palavras-chave: meningite viral incidência tendências temporais Bahia epidemiologia

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103459

INCIDÊNCIA DOS VÍRUS RESPIRATÓRIOS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Luisa Frota Chebabo*, Alberto Chebabo, Ligia Camera Pierroti, Queoma Silveira Mariante, Silviane Praciano Bandeira, José Eduardo Levi

DASA, Brasil

Introdução/objetivo: Infecções respiratórias causam grande impacto em custos e morbimortalidade, sendo infecções virais as maiores responsáveis. Durante a pandemia de SARS-CoV-2, ocorreu aumento na disponibilização de exames de biologia molecular, facilitando o acesso ao diagnóstico etiológico. O objetivo do estudo é apresentar a epidemiologia dos últimos dois anos, durante a pandemia de Covid-19, dos vírus Influenza A (FluA), Influenza B (FluB) e Vírus Sincicial Respiratório (VSR).

Métodos: Estudo retrospectivo da base de dados de exames realizados na rede da DASA no período de 01/01/2021 a 31/05/2023, com estratificação por faixa etária, gênero, estado e estação do ano. Incluídos resultados de reação em cadeia da polimerase para FluA, FluB e VSR realizados nos seguintes painéis: Quadriplex, Respiratório FilmArray® 2.1 e Pneumonia FilmArray® em pacientes internados e ambulatoriais, em amostras de trato respiratório superior e/ou inferior.

Resultados: Realizados 215.100 exames em 66.266 pacientes, sendo 15.367 (7,1%) exames com detecção de algum vírus, com 93,6% realizados em São Paulo, Distrito Federal, Rio de Janeiro e Paraná. Durante o período, o VSR foi detectado em 50,4% dos exames positivos, seguido de FluA com 44,5%. O VSR foi predominante durante todo o período estudado, com exceção de dezembro/2021 e janeiro/2022 e setembro e outubro/2022, onde o FluA foi predominante, sem considerar o SARS-CoV-2. O VSR foi detectado em 88% das amostras positivas na faixa etária de 0 a 5 anos, 19% entre 6 e 10 anos, 10% entre 11 e 18 anos, 13% entre 19 a 59 anos e 25% nos pacientes com 60 anos ou mais. O VSR foi predominante durante o inverno, outono e primavera, só sendo ultrapassado pelo FluA no verão. No ano de 2023, até maio, o VSR foi o vírus mais detectado.

Conclusão: Diante do grande número de exames incluídos nesse estudo, temos visão ampla do cenário epidemiológico brasileiro em relação aos vírus respiratórios estudados. Observa-se que, apesar do grande pico de infecções por FluA entre novembro de 2021 e fevereiro de 2022, o número acumulado de exames positivos para VSR no período do estudo foi o mais elevado, mostrando uma persistência desse vírus em todos os períodos do ano, principalmente nos extremos de faixa etária, até 5 anos e após 60 anos. Ressaltamos a importância desses dados para a programação de ações de saúde pública, como definição de período ideal para início de vacinação contra influenza e para as vacinas recentemente desenvolvidas contra VSR.

Palavras-chave: Vírus Sincicial Respiratório Influenza Vírus Respiratórios Pandemia

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103460

INFECÇÃO INTERSAZONAL ATÍPICA POR VSR EM CRIANÇAS HOSPITALIZADAS ATÉ 12 ANOS

Gabriela Rodrigues Barbosa*, Ana Helena Perosa, Nancy Bellei

Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, SP, Brasil

Introdução/objetivo: O vírus respiratório sincicial (VSR) é a principal causa de infecções respiratórias agudas (IRA) associadas à hospitalização em crianças. No hemisfério sul, os casos de VSR atingem o pico geralmente em março e abril, correspondendo ao início do outono. Neste estudo, avaliamos a hospitalização infantil relacionada ao VSR no período de 2022-2023 no Hospital São Paulo, Brasil.

Metodologia: Foram investigadas todas as crianças de 0 a 12 anos internadas com sintomas respiratórios. Um swab nasofaríngeo ou aspirado traqueal foi coletado. Uma reação em cadeia da polimerase em tempo real (RT-PCR) foi realizada para detectar infecção por RSV. As amostras positivas também foram submetidas a RT-PCR para detectar os subtipos RSV-A e RSB-B. A estatística descritiva e o teste exato de Fischer foram analisados no GraphPad 9.5.

Resultados: A análise incluiu 566 crianças hospitalizadas de Jan/2022 a Maio/2023 de 0 a 144 meses (mediana de 24 meses; DP: 41,16; IQR: 7-60); 261 do sexo feminino (46,2%) e 305 masculino (53,8%). A taxa de infecção por RSV foi de 12,3% (70/566). Crianças menores de 2 anos representaram 62,8% dos casos positivos e crianças com mais de 2 anos representaram 37,2% dos casos. Com exceção do mês de agosto, a detecção de casos de VSR foi possível durante todo o ano de 2022. Em 2023, a maioria dos casos ocorreu em abril. Em seguida, verificamos o subtipo associado às infecções. Das 70 amostras positivas, 63 foram subtipado, nas quais 49,2% foram identificadas como RSV-A e 50,7% como RSV-B. Em 2022, o RSV-B foi predominante (74,3%), enquanto em 2023, 81,5% dos casos foram identificados como RSV-A. Pelo menos uma comorbidade foi relatada por 51,2% (290/566) das crianças incluídas e 27,1% (19/70) entre os casos positivos para VSR. Doze crianças menores de 24 meses apresentaram comorbidades 63,2% (12/19).

Conclusão: Nossos achados refletem a circulação atípica do VSR entre as crianças hospitalizadas no período analisado. Além disso, observamos taxas importantes de infecção em crianças com mais de 24 meses, resultando em hospitalização por VSR em um grupo de menor impacto. Este estudo destaca a importância de manter a vigilância de infecções por VSR, particularmente em crianças maiores de 2 anos com comorbidades, isso juntamente com a testagem de RSV entre as estações pode fornecer uma melhor compreensão do impacto da circulação, sazonalidade e associação de RSV com aumento da internação e gravidade da doença.

Palavras-chave: Vírus sincicial respiratório crianças hospitalizadas RT-PCR

https://doi.org/10.1016/j.bjid.2023.103461

INFECÇÕES RESPIRATÓRIAS VIRAIS GRAVES EM CRIANÇAS BRASILEIRAS: CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS DE UMA COORTE NACIONAL

Rodrigo Carvalho de Menezes[a,*], Isabella Bonifácio Brige Ferreira[b], Stefania Lacerda Garcia[c], Hugo Nunes Pustilnik[c], Bruno Bezerril Andrade[d], Luciana Sobral Silveira Silva[e], Mariana Araújo-Pereira[d]

[a] *Programa de Pós-graduação em Patologia Humana, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil;*
[b] *Programa de Pós-graduação em Medicina e Saúde Humana, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), Salvador, BA, Brasil;*
[c] *Curso de Medicina, Universidade Salvador (UNIFACS), Salvador, BA, Brasil;*
[d] *Instituto de Pesquisa Clínica e Translacional (IPCT), Centro Universitário Faculdade de Tecnologia e Ciências (UniFTC), Salvador, BA, Brasil;*
[e] *Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), Salvador, BA, Brasil*

Introdução: As infecções do trato respiratório inferior (ITRI) representam uma das principais causas de mortalidade em crianças de 0 a 9 anos em todo o mundo. Estratégias eficazes de prevenção e tratamento deste quadro dependem da compreensão de sua etiologia e características clínicas. Diante disso, o diagnóstico etiológico preciso das ITRIs é essencial para um manejo clínico eficaz. Durante a pandemia de COVID-19, o uso extensivo de métodos moleculares proporcionou uma grande quantidade de dados sobre as ITRIs no Brasil. Neste estudo, buscamos identificar as características clínicas associadas a oito agentes virais em crianças com ITRI grave.

Métodos: Trata-se de estudo de coorte retrospectivo com dados do Sistema Brasileiro de Informações da Vigilância Epidemiológica da Gripe. Foram incluídos pacientes com menos de 20 anos que apresentaram ITRI grave confirmada por RT-PCR entre os anos de 2020 e 2022. Regressões logísticas binárias foram usadas para examinar associações entre patógenos e sintomas, corrigindo para potenciais confundidores.

Resultados: Foram avaliados 60.657 casos. Os principais agentes virais detectados foram SARS-CoV-2 (COV2) (41,2%), Vírus Sincicial Respiratório (VSR) (29,1%), Rinovírus Humano (HRV) (12,1%) e Influenza (FLU) (5,5%). Observou-se uma taxa de mortalidade geral de 4,3%. A análise multivariada evidenciou que COV2 apresentou menos probabilidade de apresentar tosse (OR: 0,34; IC 95%: 0,32-0,36), desconforto respiratório (aOR: 0,61; IC 95%: 0,59-0,64) e dessaturação (aOR: 0,71; 95% CI: 0,69-0,75). VSR fortemente associado à tosse (aOR: 2,59; IC95%: 2,45-2,75) e desconforto respiratório (aOR: 1,54; IC95%: 1,46-1,62), enquanto a FLU foi associada à febre (aOR: 2,27; IC95%: 2,06-2,50) e dor de garganta (aOR: 1,48; IC95%: 1,34-1,64). Além disso, ocorreu uma incidência significativa dos